

16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE  
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

## DA NUDEZ E DO ROSTO: A APARÊNCIA COMO DISPOSITIVO GRACIOSO

Cruz, Etevaldo Dr. Instituto Federal do Mato Grosso, [theozurc@hotmail.com](mailto:theozurc@hotmail.com)<sup>1</sup>

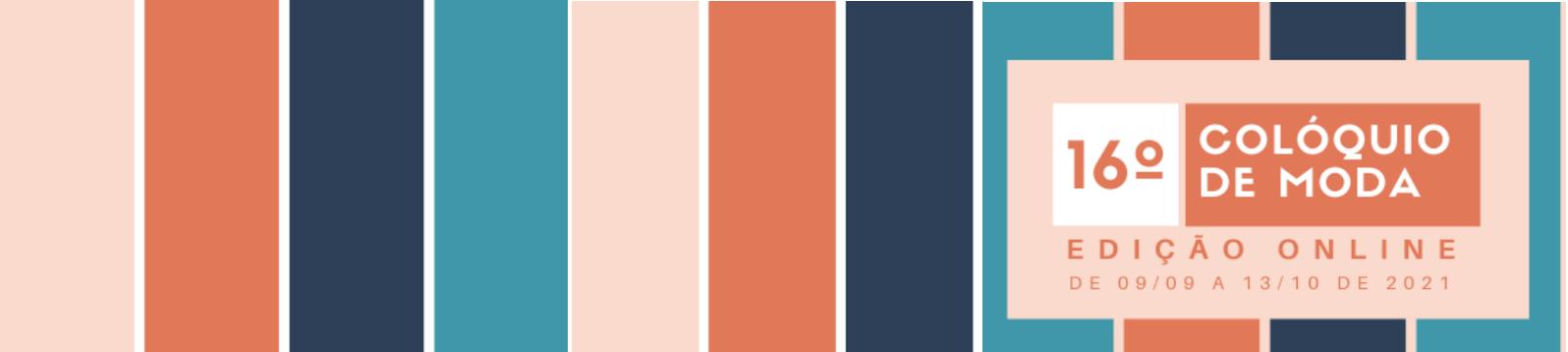
### RESUMO

O estudo, de caráter conceitual, tem por objetivo investigar em que medida o dispositivo teológico da veste, apontado por Giorgio Agamben, em *Nudez* (2015), enquanto marca da nossa relação expressiva, é trespassado pela nudez do rosto e do corpo, considerando que a relação da aparência é dada ao olhar do outro. A aparência, nua ou vestida, “engloba a maneira de se vestir, a maneira de se pentear e ajeitar o rosto, do cuidado com o corpo” (CIDREIRA, 2013, p.111), manifesta-se de forma estilizada, em superfície, passível de comunicabilidade em um jogo de ocultação e revelação. Em *O significado estético do rosto* (2016), Georg Simmel destacou como o rosto humano prefigura a reunião de elementos diversos em uma unidade estética, onde as partes confrontam essa unidade, dando-lhes sentido. Este sentido assinala como o rosto é uma forma absoluta, onde a “individualização mais extrema dos elementos conflua na mais extrema unidade” (SIMMEL, 2016, p.96). Unidade favorecida, primeiramente, pela posição da cabeça, situada sobre o pescoço que lhe conferiu uma “condição peninsular em relação corpo”, fazendo com que ela remeta a si mesma. Por outro lado, o rosto também foi favorecido pelo encobrimento do corpo, diz Simmel, apontando uma complexa questão intersubjetiva sobre a dimensão metafísica do rosto e a nudez, onde o primeiro herdou o lugar da expressão da individualidade. Esta complexidade, situada diante do olhar do outro, corresponde à capacidade distinguível do corpo nu e do rosto, mas só o rosto é “o ponto geométrico da personalidade interna, conquanto visível” que o cristianismo, com suas tendências ao encobrimento, tornou representação da aparência e “escola da consciência da individualidade”. Remetendo-nos à dimensão metafísica que Agamben

---

<sup>1</sup> Doutor pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade- UFBA. Professor Adjunto do Instituto Federal do Mato Grosso. Pesquisador do Grupo Corpo e Cultura (UFBA/UFRB / CNPq) [theozurc@hotmail.com](mailto:theozurc@hotmail.com).





16º

COLÓQUIO  
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

pontua como marca incontornável de nossa relação com as vestes enquanto condição do modo de ser que nos conduziu à descoberta do corpo. Para o filósofo, a nossa nudez é inseparável da marca teológica e corresponde ao problema da natureza humana em sua relação com a graça. Colocando em evidência a descoberta das potencialidades contingenciais do corpo no devir da história através das vestes. Portanto, o que temos, diz Agamben, é uma teologia da veste, ao invés da teologia da nudez. A nudez é o “obscuro, inapreensível pressuposto da veste (...) não um estado, mas um acontecimento pertencente ao tempo e à história, não ao ser e à forma” (AGAMBEN, 2015, p.101) que encontra na moda a indecível condição da carne e do tecido. Por isso que na exposição plena de nossa aparência, onde nudez do corpo e nudez do rosto irmanam-se como miséria contingencial de nossa natureza, Agamben identifica o dispositivo que trespassa a teologia da veste para deixar ver o “inaparente corpo humano”, suscitando, assim, questões a respeito das relações entre olhar, estilo e aparência.

**Palavras-chave:** nudez; rosto; corpo.

